

Cartas da Modernidade: Brasileiros na Europa Oitocentista

*Janete Flor de Maio Fonseca
Doutoranda em História Social da Cultura – UFMG
Professora do Dep. História da FEMM.*

Este trabalho é parte da pesquisa desenvolvida no Doutorado em História Social da Cultura, pela Universidade Federal de Minas Gerais, sob o título “Cartas da Modernidade. Brasileiros em viagem na Europa durante o Segundo Reinado”, no qual objetivamos refletir sobre as trocas epistolares realizadas durante as viagens, como um espaço de formação, treinamento e sociabilidade das elites urbanas imperiais.

Os Brasileiros percorreram a Europa mapeando a modernidade, identificando seus principais personagens, descrevendo suas cidades, compartilhando seus códigos culturais, num encontro cheio de surpresas, confirmações e também decepções. Através de seus relatos podemos perceber a construção de um discurso de modernidade compartilhado e engendrado pelas elites brasileiras em seu projeto de construção da Nação, e, ao mesmo tempo observar como era re-elaborada a imagem do Brasil a partir daqueles, então, distantes. É importante ressaltar que o destino desses brasileiros eram as cidades, e será a partir do que elas eram e do que simbolizavam que conseguiremos compreender esta aventura em busca da modernidade, realizada por uns e apenas desejada por outros. As elites imperiais procuraram nas cidades do Velho Continente aprender mais sobre como seriam as suas próprias cidades. Londres e Paris tornaram-se cada vez mais a personificação da modernidade oitocentista, portanto, palco perfeito e predileto para a grande aventura das elites brasileiras. Sendo que a cidade francesa:

“Apesar de todas as suas desgraças, de todas as ruínas acumuladas, menos pelo inimigo, que pelas desvairadas mãos de seus próprios filhos, a cidade de Paris merece sempre a mesma admiração, ocupa sem contestação o lugar de honra entre as grandes aglomerações humanas. Podem outras cidades, como Londres, Pequim, Yedo, excedê-la em número de habitantes, porém Paris fica sendo capital do Mundo intelectual, artístico e civilizado”. (ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA, 1876, 147)¹.

Assim como a capital francesa superava a desordem dos movimentos de participação popular herdeiros da Revolução de 1789, também os brasileiros procuravam novos tempos, nos quais prevalecesse a ordem. A ordem da casa, a ordem da rua e a ordem do governo eram os objetivos principais das elites imperiais, definidoras de um modelo de Nação que mantivesse o status quo de seus membros e se moldasse pelo paradigma das cidades européias. Assim, o espetáculo da novidade buscado pelos viajantes brasileiros apresentava-se como um desejo de construir um novo mundo sobre as ruínas do antigo, todavia – como na Paris de Haussmann - num exercício maior de imbricamento entre passado e presente, do que de ruptura.(BENJAMIN, 1989)².

Segundo Canclini (2003) não se tratava definitivamente de uma postura brasileira, pois a América Latina, como um todo, passou por ondas de modernização durante o final do século XIX e início do século XX, impulsionados entre outras coisas pela ampliação da alfabetização e pela forte presença dos intelectuais europeizados. Todavia, se ocorreu um modernismo exuberante, com destaque para as transformações nas estruturas urbanísticas, o mesmo não ocorreu com o processo de modernização, considerado por ele como deficiente. Assim, *“os desajustes entre modernismo e modernização são úteis às classes dominantes para preservar sua hegemonia, e às vezes para não ter que se preocupar em justificá-la, para ser simplesmente classes dominantes”*. (CANCLINI, 2003, p. 69)³. Estes brasileiros imbuídos de um forte sentimento aristocrático conheciam seu lugar, e procuravam a todo o momento reafirmar sua distinção frente ao povo miúdo. A modernidade, o progresso e civilização se tornariam instrumentos de um discurso ideológico cuja finalidade era a construção do Império e da própria classe dirigente. (MATTOS, 1994)⁴.

Já nas cidades européias ganhava força a multidão que seduziu e amedrontou aos viajantes brasileiros. Uma horda fervilhante de homens e mulheres transformando a paisagem urbana, e, sempre associada a caos, ondas e turbilhão. Analogia a natureza descontrolada que necessitavam ordenar. O próprio Imperador D. Pedro II testemunhou com encantamento e receio a presença das pessoas nas ruas, falando de Lisboa:

“Esqueci-me de dizer que ontem as 10 e pouco mais ou menos, fui ao Passeio Público que é grande e estava cheio de gente. Ouvi música assentado junto ao coreto – regia o Cardim, que esteve no Paraguai – e muitas meninas dançavam perto de mim, querendo todos beijar-me a mão e pedindo beijos que dei nas mais pequenas. Ao sair houve atropelo, mas eu fui metendo o ombro e só o Nicolau é que se viu meio zonzó.”(BENDIAGA, 1999)⁵.

O domínio do homem sobre a natureza, inclusive a humana como citado acima, se apresentava como o único caminho possível para se viver na cidade. A cidade industrial que a tudo e a todos disciplinava e potencializava para o consumo. Quebraram-se solidariedades e o morador urbano passou a incorporar uma nova sensibilidade em relação à sua cidade, lugar de passagem, circulação e tendo cada vez mais restrita a possibilidade de compartilhar experiências.

“As cidades planejadas do século XIX pretendiam tanto facilitar a livre circulação das multidões quanto desencorajar os movimentos de grupos organizados. Corpos individuais que transitam pela cidade tornaram-se gradualmente desligados dos lugares em que se movem e das pessoas com quem convivem nesses espaços, desvalorizando-os através da locomoção e perdendo a noção de destino compartilhado”. (SENNETT, 2003,264)⁶.

Para Walter Benjamin as cidades do século XIX vivenciaram a transformação de tudo em mercadoria, a própria arte passou a possuir um valor de troca quando o ferro, elemento de sustentação, metamorfoseia-se em elemento artístico com a função de decorar e ao mesmo tempo exaltar a própria sociedade industrial.(BENJAMIN, 1998) O espetáculo da modernidade encheu os olhos dos brasileiros que a tudo observaram extasiados.

“Os Champs-Elysées são decorados com belos chafarizes e repuxos, com pavilhões regulares de arquitetura polyehroma (sic.), ocupados por cafés e restaurants, com duas grandes rotundas, de igual arquitetura ocupada uma por panorama, outra por um círculo olímpico. A grande alameda central e as laterais servem ao famoso passeio de Lorgchamps, que tem lugar as quartas, quintas e sextas-feiras da Semana Santa. No Centro esquerdo (lado sul) dos Champs-Elysées acha-se o Palais de L’Indústrie, reservado às exposições permanentes. Forma um retângulo de 231 metros de comprimento sobre 108 de largura. A fachada se compõe, assim, como o palácio todo, de um pavimento térreo e um primeiro e único andar, com cinquenta janelas cada um. Ao centro existe um pavilhão saliente, onde se

acha a entrada principal formada de um pórtico de 15 metros de largura sobre 67 de altura. O interior do edifício apresenta uma vasta sala de 192 metros de comprimento, 48 de largura e 30 de altura”.(ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA, 1876,148).

A estrutura monumental representava uma nova era, novo tempo, novas cidades, novos homens, novos costumes citadinos. Se as largas avenidas como as construídas por Haussmann segregaram as populações mais pobres, difícil era o momento de reencontrá-las nas cidades visitadas.

“Certo é que Berlim é uma grande e bonita cidade; mas em Bruxelas não pude saber onde se metem seus moradores das quinhentas e tantas ruas e quarenta praças, porque a exceção de um arremedo de bulevares de Paris, onde era o nosso hotel, Saint-Petersbourg Hotel, e onde às horas de passeio via-se gente limpa, não se encontra senão a baixa classe alemã, insuportável pela exalação de seus cachimbos.” (NOGUEIRA DA GAMA, 1893,66)⁷.

Percebam que a cidade de Bruxelas apesar de possuir ruas e praças que lembram Paris, perde para a Capital Francesa pela inexistência do burburinho da multidão nas ruas, o que faz sobrar tempo e espaço para que nosso viajante perceba a existência dos trabalhadores alemães. As classes perigosas apresentam-se ao visitante que procura, justamente na organização racional das cidades modernas, controlar e se ver livre das mesmas em sua Nação de origem.

Outra preocupação das elites brasileiras diz respeito aos aspectos sanitários. Inúmeros são os relatos que definem a modernidade e a civilidade das cidades européias pela limpeza de suas ruas ou pelo tratamento dado à água e ao esgoto. Sem dúvida essa foi uma das primeiras preocupações de engenheiros e autoridades européias. Suas cidades passariam por intervenções técnicas no sentido fazer “*assegurar a livre circulação do ar, da água e da luz a fim de combater os miasmas da cidade grande*”.(PICON, 2001,68)⁸ Assim, cidades são descritas pelos brasileiros como exemplos da ordem associada à organização sanitária. Vejamos Bruxelas através dos olhos de Nísia Floresta:

“A limpeza das ruas e do exterior das casas logo me deu uma imagem positiva, principalmente logo que percorremos uma parte da cidade alta: as ruas são regulares, ornadas por ricas lojas, lindas casas e belos hotéis. As praças públicas e os passeios cheios de gente, algumas pessoas exibindo

muito luxo e elegância, compõem a fisionomia de uma verdadeira capital européia”. (FLORESTA, 1998,43)⁹.

Já Lisboa para Nogueira da Gama:

“A cidade é bem limpa policiada; mas sua iluminação a gás é inferior à do Rio de Janeiro, e a alguns outros respeito está Lisboa muito abaixo d’aquela capital; por exemplo: ainda não tem água senão a dos antigos chafarizes, alguns bem curiosos com obras de arte; todo o transporte de cargas pelas ruas é feito, a pau e corda, pelos galegos, e por carros de boi, de eixo móveis, tão, toscos e pesados como dos pontos mais atrasados das nossas províncias”. (NOGUEIRA DAGAMA, 1893,22).

Percebemos que o Brasil chegava a servir como modelo de comparação para demonstrar o atraso da capital da antiga metrópole. Passado que os brasileiros só evocariam para reivindicar uma hereditariedade européia. Suas narrativas apresentavam não apenas o anseio de “ver bem”, e com isso aprender muito, mas simultaneamente procurar por seu lugar de origem. Dialogavam com as cidades do seu tempo, sendo elas também as cidades dos seus sonhos. De forma natural projetavam as imagens do Brasil sob as das cidades européias. Fascinados pela técnica utilizada nas reformas urbanas da Europa inspiraram-se nas mesmas para construir uma nação na qual se estabelecesse a ordem disciplinadora das hierarquias sociais. Ao interagirem com aspectos técnicos parecem ter percebido as cidades menos como um espaço para o exercício da urbanidade, da industrialização e do trabalho e sim como palco do controle social.

O Deputado alagoano Tavares Bastos esteve em tratamento de saúde durante vários anos na Europa, porém, fez de suas temporadas de recuperação um momento de aprendizado para sua atividade política. Enquanto a mulher e os filhos dividiam o tempo entre as lições de línguas e piano, o publicista alagoano visitava estabelecimentos públicos e particulares como hospitais e escolas.

“Continuando o exame ou visita aos estabelecimentos públicos e particulares de instrução, que comecei em Viena, aqui estou vendo praticamente como se ensina bem e depressa na Europa, graças aos mais aperfeiçoados métodos e à aptidão dos mestres e mestras. Principiei a visita de Paris pelos asylos de crianças de 3 a 6 anos, e espero chegar até os lyceos do Estado, se o inverno não me impelir para a Itália”.(sic, grifo do autor).¹⁰

Ao visitar estes lugares, Tavares Bastos procurava aprender com o “Mundo Civilizado”. Seu roteiro em território europeu transitava entre as estações de tratamento hidroterápico como Carlsbad, ou outras nas quais pudesse reunir boas acomodações, estabelecimentos de ensino e lazer para sua família, além de se constituir num ótimo laboratório para observação da organização da saúde, da educação e da cultura européias. Seguindo seus passos, nos encontramos em Frankfurt, Florença, Nápoles, Paris, Roma, Saint-Gervais, Viena, Nice, Lion, Montpellier, Londres, Gênova, etc. Suas cartas demonstram uma constante mobilidade destas elites pelas cidades européias.

“21 de Fevereiro de 1868”.

Veneza

Sr Jacinto,

Escrevi-lhe hontem, assim como a meu pai, ao partir de Florença. Venho acrescentar estas linhas para dizer-lhes que aqui chegamos e nos preparamos para assistir ao Carnaval em Milão. D’ahi conto seguir para Marselha, de modo que nos primeiros dias de março estaremos em Pariz”. (BASTOS 1868).

Esta não era uma característica apenas do Deputado Tavares Bastos. Os brasileiros em viagem à Europa pareciam implodir com suas fronteiras, unificando território europeu através da agilidade em percorrê-lo. Esta se tornou uma das marcas mais presentes nas cartas de viagem que produziram. Demonstravam uma forte segurança no traslado de um local para o outro, assim como o livre e fácil trânsito entre países de língua e costumes diversos.

. “Em dezembro ir a Paris fazer imprimir o vocabulário, o trabalho, cursos matemáticos. (...)Christmas em Liverpool. (...) Mayo principiar as compras de presentes e livros, preparativos. Agencias. (...) Junho. Visitar os portos da Alemanha – Munich, Hamburgo, encontrar-me com Schwartz sobre o reestabelecimento no Brasil.

Trieste, Morpurgo, Marseille, Julho em route”. (Sem autoria, BN, 1873). ¹¹

A cidade era o grande atrativo, nela, os brasileiros se misturavam à multidão anônima exercitando sua capacidade de reconhecer aquilo que já sabiam existir. Sua educação letrada e fortemente influenciada pela cultura européia dotava-lhes de um conhecimento prévio sobre o lugar a ser visitado contribuindo para a preparação destes viajantes. É interessante como raramente se referem à presença de um guia ou

acompanhante, placas ou outras inscrições, tornando a narrativa bastante pessoal. Percebemos uma necessidade de transmitir conhecimento seguro sobre o local visitado. Se possuírem dúvidas sobre a localização de monumentos o mesmo não se aplicará à sua história, amplamente dominada pelos narradores. Este seria então um momento de verificação de seu aprendizado, espaço para completar e consolidar sua formação.(SANTOS, 2002)¹².Mas acreditamos que também se tratava de um diálogo estabelecido entre estes viajantes e os lugares visitados, alguns estranhos, outros bastante conhecidos.

A chegada à cidade exigia destes viajantes alguma paciência, para descobri-la lentamente. Foi assim na chegada de Nísia Floresta (1998) a Bruxelas. A entrada da cidade se dava por um embarcadouro, pouco limpo e abrigando o comércio popular. A narradora afirma que se tivessem continuado por esta região, provavelmente não veriam o que Bruxelas teria a apresentar, e aliviada a descreve “*Esta cidade, galantemente ataviada em torno de graciosos bulevares e belos edifícios, é edificada, em parte, sobre uma colina elevada, e, em parte, em uma rica campina, atravessada por vários braços do Sena, rio pequeno em comparação aos nosso.*” (FLORESTA,1998,43). E assim a reconhece como uma verdadeira cidade européia.

A limpeza das ruas e do exterior das casas logo me deu uma imagem positiva, principalmente logo que percorremos uma parte da cidade alta: as ruas são regulares, ornadas de ricas lojas, lindas casas e belos hotéis. As praças públicas e os passeios cheios de gente, algumas pessoas exibindo muito luxo e elegância, compõem a fisionomia de uma verdadeira capital européia.”(FLORESTA, 1998,43).

A escritora ao visitar o Jardim Botânico e o Zoológico da cidade, reencontra na fauna e na flora as saudades do Brasil.

“Persegui a imagem de vocês, que me procedia, ó caros objetos dos meus sonhos! O canto dos pássaros de nossa pátria, aqui reduzidos à condição de prisioneiros, para servirem, mediante um franco por pessoa, de distração e prazer a uma população estrangeira, tocava melancolicamente meus ouvidos e despertou meu espírito a lembrança das mais agradáveis paisagens que percorri outrora sob nosso belo céu! A deliciosa Floresta de antigamente, berço de meu nascimento, testemunha de minha inocente felicidade fraterna e de minhas primeiras lágrimas filiais!Beberibe, Jacuí, Petrópolis, Tijuca e os arquedutos de nossa Carioca apresentaram-se de uma vez e tão vivamente ao meu espírito, que parei , em êxtase , sob um

conjunto de árvores espessas, subjugada por estranho poder, esquisita ilusão! Vocês estavam lá, em torno de mim: juntos observávamos nossos verdes papagaios, empoleirados em galhos, e uma infinidade de outros seres alados de nosso país. Esses animais alegraram-se ao ver-nos, como para festejar nosso encontro em terras estrangeiras”. (FLORESTA, 1998,51).

Os jardins botânicos, assim como os jardins e parques eram muitos procurados pelos brasileiros na Europa. Lugares em que milhares de espécimes brasileiros eram colecionados. Mas também espaços para uma pausa e o descanso em cidades tão agitadas. Assim demonstrou Couto de Magalhães na Londres dos anos 1880. “*Voltei a casa e fui à leste de Regent’s Park, onde admirei ou gozei uma quieta contemplação os centos e milhares de plantas que ali estão agora em plena florescência*” (COUTO DE MAGALHÃES, 1998,68)¹³. Ou ainda:

“Ontem e hoje esplêndidos dias, quentes e brilhantes dias, como se estivéssemos num clima intertropical, termômetro 73 graus. Passei hoje o dia deitado no parque. Uma troça de meninas pobres veio ajuntar-se ao pé de mim e do João; tomei leite e lá me demorei da doze às seis. A vista quieta das árvores, o sol fulgurando sobre elas, era para mim um espetáculo quase novo, aqui em Londres”. (COUTO DE MAGALHÃES, 1998,75).

Essa imersão dos brasileiros no cotidiano das cidades européias, as quais tanto ansiavam conhecer, foi um dos principais elementos na construção de uma representação sobre as cidades oitocentistas. Quanto mais freqüentavam os espaços de culturais, as ruas, os parques, mais se sentiam capacitados para além de admirar, criticar. De apaixonados foram estabelecendo um olhar cada vez mais crítico. Assim, distanciados do Brasil, e como estrangeiros vivenciando o cotidiano das cidades, possuíam a distância imaginária suficiente para construir uma representação do novo e do velho mundo. Esta representação pode ser vista como “*a presentificação de um ausente, que é dado a ver segundo uma imagem, mental ou material, que se distancia do mimetismo puro e simples e trabalha com uma atribuição de sentido*”. (PESAVENTO, 1995, 280)¹⁴. Realizaram um movimento contínuo de comparação, abriram espaços para criar imagens sobre o Brasil distante e sobre o mundo europeu, no qual jamais seriam inseridos totalmente. Ao inventariarem os bens culturais

existentes nas cidades, materiais e imateriais, elaboram uma representação da urbe em suas dimensões reais e simbólicas, imagem esta compartilhada através das correspondências. Assim, de meros consumidores das cidades européias os Brasileiros tornam-se seus leitores especiais, tradutores de seus sentidos, símbolos e práticas culturais. Como historiadores selecionam indícios e vestígios fragmentados da realidade os quais serão re-elaborados na escrita das cartas e na leitura dos destinatários no Brasil.

¹ ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA, 1876. Fundação Biblioteca Nacional

² BENJAMIN, Walter. Magia e Técnica, arte e Política. Ensaio sobre Literatura e História da Cultura. 3ª Edição. SP: Ed. Brasiliense, 1985. Obras escolhidas, vol. 1.

³ CANCLINI, Nestor Garcia. Culturas Híbridas. Estratégias para entrar e sair da modernidade. 4. Ed. SP: EDUSP, 2003.

⁴ MATTOS, Ilmar Rohloff de. O Tempo Saquarema. A Formação do Estado Imperial. 4ª Ed. RJ: ACCESS, 1994.

⁵ BEDIAGA, Begonha (org.) Diário do Imperador D. Pedro II – 1840-1891. Petrópolis: Museu Imperial, 1999. Livro 2.

⁶ SENNETT, Richard. Carne e Pedra. O Corpo e a Cidade na Civilização Ocidental. 3ª ed. SP: Record, 2003.

⁷ GAMA, Nogueira da. Minhas Memórias. RJ: Livraria Moderna, 1893.

⁸ PICON, Antoine. “Racionalidade Técnica e Utopia: Gênese da Haussmanização”: in: SALGUEIRO, Heliana Angotti.(org) Cidades Capitais do Século XIX. SP: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

⁹ FLORESTA, Nísia. Itinerário de uma Viagem à Alemanha. Santa Cruz: EDUNISC; Florianópolis: Ed. Mulheres, 1998.

¹⁰ BASTOS TAVARES. Cartas ao Pai. Coleção de Manuscritos, Fundação Biblioteca Nacional.

¹¹ Sem autoria, setor de Manuscritos, Fundação Biblioteca Nacional.

¹² SANTOS, Claudete Daflon dos Santos. A Viagem e a Escrita. Tese de Doutorado em Letras. RJ: PUC, 2002.

¹³ COUTOR DE MAGALHÃES, José Vieira. Diário Íntimo. SP: Cia das Letras, 1998. (Retratos do Brasil).

¹⁴ PENSAVENTO, Sandra Jatahy. “Muito Além do Espaço. Por uma História Cultural do Urbano” In:- **Estudos Históricos**. RJ, vol. 8. N. 16, p 279 a 290.